A CASA DO CÍRCULO

U.PORTO

CÍRCULO UNIVERSITÁRIO
DO PORTO

SUMÁRIO

A *NOSSA* CASA 11
Fátima Vieira

À VOLTA DO CÍRCULO 15
Armando Malheiro da Silva
Carla Garrido de Oliveira
Ernesto Português

I
O CAMPO ALEGRE DA CASA DO CÍRCULO 27
A PARTIR DA MEMÓRIA DE FERNANDO TÁVORA
Sílvia Ramos

1. *Quando jovem, um neutro espaço urbano entre* 30
2. Já *Arquiteto, o novo centro de cidade – se não uma nova cidade* 42
3. E de novo, *como Professor, um Polo Universitário* 55

II
CASA(S) DE FAMÍLIA(S) 63
Armando Malheiro da Silva
Carla Garrido de Oliveira
Ernesto Português

A CASA DE JOSÉ FERREIRA RORIZ 64
1. Quanto mais alto, maior... 64
2. O processo de falência 71
3. Uma casa disponível 75

A CASA DOS FONSECA ARAÚJO 77
1. Da Rua do Infante do Porto a Par do Reino 77
2. Bens imobiliários e outras intervenções de Marques da Silva 87
3. Os últimos tempos do Conselheiro Pedro Araújo 101
4. Pedro Maria da Fonseca Araújo Júnior 107

A CASA DE PRIMO MADEIRA E DOS MADEIRA ADLER 118
1. Origens de um adulto precoce 120
2. O industrial bem-sucedido 122
3. *Quem casa quer Casa...* 129
4. Do Aviz à Boavista, com Júlio José de Brito 138
5. Do Vale de Amores ao Campo Alegre 148

A CASA DA UNIVERSIDADE DO PORTO 157
1. "No Horizonte, a Casa Primo Madeira" 158
2. Alberto Amaral, *um testemunho vivo* 166
3. Fernando Távora e Francisco Caldeira Cabral, arquitetos do *Clube de Professores* 169
4. O Prémio João de Almada 193
5. Os dias na Casa do *Círculo Universitário do Porto...* 200
6. *No Horizonte, a Casa do Círculo* 215

III
ATMOSFERAS, SOBREPOSIÇÕES, TRANSPARÊNCIAS DOMÉSTICAS **223**
Patrícia Antunes dos Reis

IV
DESÍGNIOS MODERNOS DA CASA-JARDIM **247**
Carla Garrido de Oliveira
Nicola Cordella D'Addario
Patrícia Antunes dos Reis

Implantação, paisagem, urbanidade 249
A Casa do Círculo a quatro tempos 255
1. Casa de quinta com jardim e *bay window* ao quadrante poente
2. Ampliação a nascente em simetria pitoresca e a definição da frente norte
3. Atmosferas domésticas ao Campo Alegre
4. Obra em aberto

NA ORLA, HABITAR A CASA-JARDIM 273
com Laura Roldão Costa

CÍRCULO: CASA E DESÍGNIO **285**
Armando Malheiro da Silva
Carla Garrido de Oliveira
Ernesto Português

BIBLIOGRAFIA E FONTES **291**

O CAMPO ALEGRE DA CASA DO CÍRCULO A PARTIR DA MEMÓRIA DE FERNANDO TÁVORA

Sílvia Ramos

Ao longo do tempo, na envolvente da Casa do Círculo, o nome Campo Alegre serve a designação de espaços de diferente natureza, qualidade e sentido: imediatamente a poente, em 1897, Campo Alegre designa a terra lavradia que Gustavo Adolpho Burmester adquire para a construção da sua casa, na Estrada para S. João da Foz e Matosinhos,[1] a confrontar com a Casa Andresen; ligeiramente para nascente, anos antes, Campo Alegre dá nome ao cruzamento desta Estrada com o Caminho que segue para o Alto da Arrábida,[2] na segunda metade do século XIX, quando se torna iminente a transformação daquela estrada em rua, Campo Alegre passa a designar o seu troço sobre o planalto; e, a partir dos anos 40 do século XX, nomeia a zona de desembocadura da Ponte da Arrábida.

Entre as zonas de maior e de menor dimensão que o nome Campo Alegre vai designando no tempo, reconhece-se uma superfície de extensão intermédia caraterizada por um conjunto de continuidades temáticas próprias, que a compõem como unidade espacial e a destacam do conjunto das envolventes. Possui uma atmosfera caraterística que justifica a sua paisagem e o modo de vida daqueles que à sua volta vão habitando.

1 "Requerimento pedindo autorização para umas vedações na Rua do Campo Alegre e caminho que segue para o alto da Arrábida, com cedência de terreno", 1897. AHMP-PUB/701, pp. 305-311.
2 "Projeto traçado desde o sítio de Campo Alegre na Estrada de Matosinhos até à travessa que desce da Arrábida ao Bicalho", 1857-1858. AHMP D-CDT/A3-356.

No Alto do Monte da Arrábida, o Campo Alegre corresponde à porção de território compreendido pelos vales das ribeiras da Granja, de Massarelos e da presumível Ribeira do Aleixo. Prolonga-se, por mais de 1300 metros, ao longo do Rio Douro, até ao rochedo da Arrábida e ao sopé do Monte do Gólgota. Distingue-se dos conjuntos urbanos da Arrábida, Bicalho, Massarelos, Pena, Bom Sucesso, Agramonte, Boavista, Lordelo e daquele que se designou do Bessa, pela forma urbana que apresenta e pelo processo que serve a sua progressiva transformação. Trata-se de uma porção de território com área superior a 100 hectares, altitude variável entre 10 e 85 metros, e pendente por vezes superior a 35%. O seu solo é granítico abaixo da cota 70 metros, com especiais condições de fertilidade como uma forte permeabilidade à água e a capacidade da sua conservação em lençóis superficiais.

É longa e estreita a relação de Fernando Távora com o Campo Alegre da Casa do Círculo. Justifica, inclusivamente, a redação de um artigo em que regista os *momentos de alegria, de dúvida e até de infortúnio* que guarda da sua relação com o lugar.

Fernando Távora publica a sua "Memória do Campo Alegre", em 1995.[3]

Tem 72 anos, é Arquiteto a par de Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e há mais de meio século que participa, *não apenas como interessado espectador, mas também como interveniente ator* na transformação da zona da cidade do Porto conhecida pelo nome de Campo Alegre.

A "Memória do Campo Alegre" de Fernando Távora é temática, subordinada ao problema da metamorfose urbana do lugar. Fernando Távora organiza-a fazendo corresponder, a cada um dos estádios do seu desenvolvimento, um estádio da transformação urbana do Campo Alegre: *quando jovem – um neutro espaço urbano entre* (a Marginal e a Boavista, a Foz e o Porto); *já Arquiteto do Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal – o novo centro de cidade, se não uma nova cidade*; *como Professor do Curso de Arquitetura – um Polo Universitário*.

3 Fernando Távora (1995). "Memória do Campo Alegre". *Boletim* 26-27, ano V, dezembro, pp. 15-16.

Ao longo destes estádios, Fernando Távora carateriza a circunstância do Campo Alegre e os principais projetos para a sua transformação urbana, colocando lado-a-lado obras suas e outras contemporâneas. Aos projetos urbanos de Fernando Távora para o Campo Alegre poderiam associar-se um conjunto de outros de "exclusivo" pendor arquitetónico, como a Casa do Círculo, omissa da memória certamente pelo seu enfoque temático.[4]

O espaço que Fernando Távora dedica à compilação dos momentos que compõem cada um dos estádios da transformação urbana do Campo Alegre é distinto, sendo particularmente extenso aquele que concede, quando *arquiteto*, ao seu desenho como *o novo centro de cidade, se não uma nova cidade*.

Não o justificarão somente questões diretamente relacionadas com Fernando Távora, como o seu envolvimento profissional com o lugar. Certamente explicam-no, também e principalmente, o facto deste estádio da transformação urbana do lugar corresponder a um momento particularmente entusiasmante para a arquitetura portuguesa e extraordinário na história urbana do Porto, em que o Campo Alegre adquire a circunstância de laboratório de desenho urbano, onde um conjunto de condições especiais propiciam e levam a que nele se experimente implementar alguns dos modelos de cidade mais recentemente debatidos no âmbito internacional, no que se projeta como uma grande e muito significativa operação de metamorfose urbana, apenas concretizada em parte.

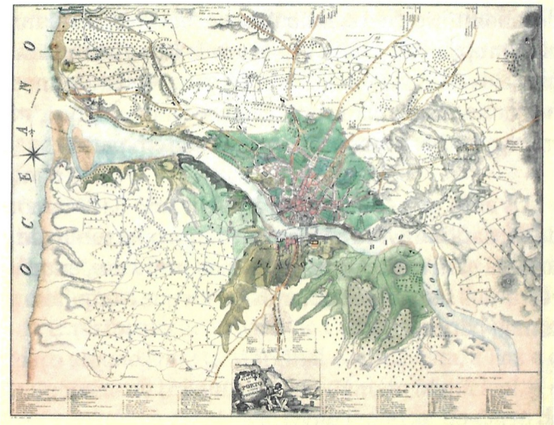
Os anos que se seguiram à publicação da "Memória do Campo Alegre" de Fernando Távora não constituíram oportunidade para a transformação urbana efetiva do lugar. Apesar de iminente, enquanto ela não acontece, resta-nos seguir e detalhar os factos que o arquiteto presenciou ou em que tomou parte.

4 Urbanização de terreno na Rua do Campo Alegre [e Rua de Guerra Junqueiro], 1955-1956; Piscina Municipal do Campo Alegre, 1967-1971; Círculo Universitário do Porto, 1986-1990; Palácio do Campo Alegre [Rua Rainha D. Estefânia], 1987.

1. *Quando jovem, um neutro espaço urbano entre*

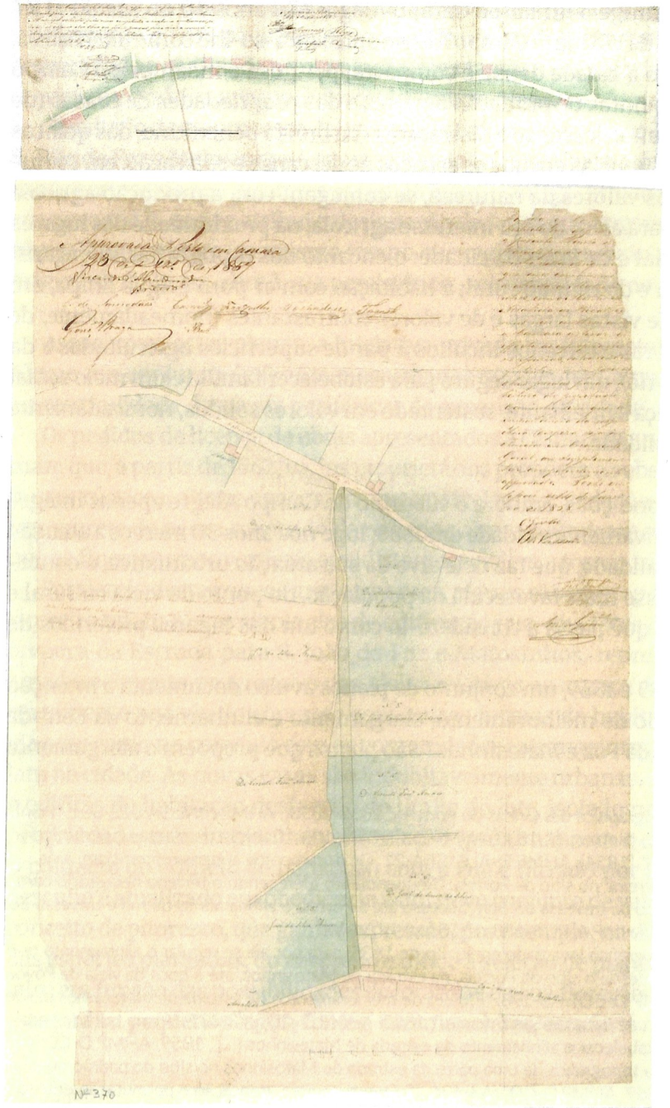
Ainda que Fernando Távora date as suas primeiras memórias do Campo Alegre de 1945 e que, por força da sua data de nascimento, elas não possam recuar a data anterior a 1923, pela via da leitura de *Uma Família Inglesa*, de Júlio Dinis, elas adivinham o Campo Alegre da segunda metade do século XIX.

O Campo Alegre da juventude de Fernando Távora é o da construção da Casa do Círculo, a *casa apalaçada* que José Inácio Ferreira Roriz edifica no *campo* que foi de Domingos José Barbosa e de que virá a ser proprietário Pedro Maria da Fonseca Araújo.[5] Trata-se de um lugar em situação intermédia relativamente aos mais significativos do Porto, atravessado ou adjacente aos principais eixos que os conectam, onde a urbanidade penetra devagar e que persiste com um desígnio vago na cidade, ainda que se lhe reconheçam excecionais condições de salubridade, disponibilidade de espaço e uma singular posição relativa.



←
FIG. 01
"Planta do Porto e suas vizinhanças", 1833.
CMP.DMAH.ID 611057.

5 AHMP, "Catálogo do Livro de Plantas" p. 268; "Plano traçado para sobre ele se estabelecer o alinhamento da Estrada de Matosinhos, desde o sítio do Padrão-quebrado até ao ponto Z, aonde a Estrada já se acha alinhada; seguindo a linha de pavimento o mesmo perfil da Estrada atual", AHMP, "Catálogo do Livro de Plantas" p. 381; "Rua do Campo Alegre: [Projetos de alargamento]", AHMP, "Catálogo do Livro de Plantas" p. 170.



→
FIG. 02
Plano para alinhamento da Estrada de Matosinhos, 1859;
Projeto traçado desde o sítio do Campo Alegre, na Estrada de Matosinhos, 1857.
CMP.DMAH.ID 339800; 338773-0001.

O Porto atinge o limiar do Campo Alegre nos anos 30 do século XIX.[6] No subúrbio da cidade, o Campo Alegre apresenta-se-lhe como alternativa. Por oposição à cidade densa e compacta, perigosa e insalubre, o Campo Alegre das quintas de produção agrícola e das propriedades de evasão (de espairecimento, descanso e distração) – da brévia beneditina, das quintas de recreio e daquelas em que os espaços de descanso e recreação, em comunhão com os valores da natureza, se conjugam com a produção agrícola – oferece, para além do seu interesse agrícola, na proximidade dos lugares da vida social e de lazer da cidade: o encanto das topografias selvagens, da natureza e do mundo rural; a habitação com ar puro e água limpa, em paisagem de vistas largas e de valores contrastantes (nomeadamente, de rochas ásperas e terrenos incultos a par de superfícies agricultadas e da azáfama do rio); um lugar seguro para estabelecer família e um meio social de vizinhança semelhante, sustentado em valores sólidos, nomeadamente de espiritualidade.

Nestas condições, embora o subúrbio do Campo Alegre apenas integre administrativamente a cidade em 1888, logo nos anos 30 merece a atenção da Municipalidade, que faz dele alvo da sua atuação urbanística, e o interesse da classe mais favorecida da população, do ponto de vista cultural e económico, que passa a considerá-lo como um dos lugares preferidos de habitação.

Entre 1835 e 1869, um conjunto de planos avulso documenta a intenção do Município de melhoramento, alargamento e alinhamento da Estrada para S. João da Foz e Matosinhos.[7] São planos que propõem o alargamento

6 "Carta Topographica das Linhas do Porto" [c.1832-1833]. AHMP MNL 5A 012-001. "Planta do Porto e suas vizinhanças", 1833. AHMP D-CDT/B4-104. "Coleção de plantas e perfis das fortificações [...]" [1834]. AHMP D-ALB/GRA-21. Os documentos antigos referenciam, aliás, uma casa da barreira, no sítio da Portela: "Requerimento oferecendo o terreno necessário para o prolongamento da travessa do Bom Sucesso até à Portela e alinhamento da rua e travessa do Campo Alegre". AHMP A-PUB/688 n.º 18, pp. 142-144.

7 "Plano topográfico levantado em junho de 1835, para por ele se regular o alinhamento que deve adotar-se desde o sítio da Portela, na estrada de Matosinhos, até à boca da viela da Póvoa [...], 1835. AHMP D-CDT/A3-198. "Projeto de melhoramentos na estrada de Matosinhos desde a ponte de vilar até à rua de Santo Amaro", 1853. AHMP D-CDT/A3-322. "Plano traçado para sobre ele se estabelecer o alinhamento da estrada de Matosinhos [...]", 1859. AHMP D-CDT/A3-368. "Planta topográfica de uma parte da estrada de Matosinhos no sítio do padrão de Lordelo [...]", 1869. AHMP D-CDT/A3-436. "Salavert: compra, transação e permutação entre a Câmara e diversos de uns terrenos no sítio de Salavert, freguesia de Lordelo do Ouro", 1855. AHMP A-PUB/600, p. 11.

do perfil transversal da antiga via, a revisão do seu perfil longitudinal e o nivelamento do seu pavimento, no sentido não só de promover uma maior comodidade e civilidade na circulação, mas também de valorizar, do ponto de vista da estética urbana, o troço do Campo Alegre.

Resultado deste processo de progressiva modernização da Estrada para S. João da Foz e Matosinhos à passagem pelo Campo Alegre e da progressiva metamorfose do seu caráter rural em urbano, a antiga *estrada* converte-se em nova *rua*, a que se atribui a designação do lugar que atravessa. O topónimo Campo Alegre, ao mesmo tempo que regista a condição atmosférica originária do lugar, abre à sua persistência, reinterpretada no tempo.

Associado a estes planos, a iniciativa privada faz intersetar no Campo Alegre um conjunto de fenómenos urbanos que tendem a transformá-lo na continuidade das áreas periféricas de expansão da cidade.

Os pedidos de licença de obras apresentados à Câmara Municipal informam que, a partir de 1862, vários proprietários propõem a substituição dos muros rústicos, altos e opacos, das suas parcelas, por vedações compostas por murete de pedra rebocado de reduzida altura e gradeamento de ferro, que os finos prumos verticais equidistantes tendem a tornar transparente.[8]

Por detrás destes novos gradeamentos, alguns são os proprietários que experimentam novas tipologias de edificação que, distantes das casas de lavoura da Estrada para S. João da Foz e Matosinhos, representam um amadurecimento progressivo das ideias relativas ao espaço da habitação, certamente por via do contacto com outras formas de habitar, tanto em viagens como no convívio com as comunidades estrangeiras que se instalam na cidade. As novas casas são indubitavelmente urbanas. Apresentam o edifício de habitação destacado do limite do lote, isolado no interior da propriedade, mas implantado em relação (próxima) com o arruamento. O contacto do edifício de habitação com a rua é filtrado por jardins, cujo desenho é atualizado em obediência a um novo conjunto de valores, como o conceito de pitoresco, que ganha expressão, por exemplo, na diversificação das espécies plantadas, do arvoredo exótico à seleção de plantas para canteiro em função das possibilidades decorativas da sua floração. Completam este jardim pequenos lagos, fontes, caramanchões, estufas e mirantes.

8 LO 272/1862, AHMP D-CMP/7(27), pp. 368-370. LO 56/1875, AHMP D-CMP/7 (53), pp .535-537. LO 254/1878, AHMP D-CMP/7(63), pp. 397-399.

Neste novo Campo Alegre, é deste tipo a Casa do Círculo, de José Inácio Ferreira Roriz.[9] Em seu torno, fixa-se uma colónia composta por famílias oriundas do norte europeu protestante, tanto britânicas (nomeadamente escocesas), como alemãs, flamengas e holandesas, que se ocupam no negócio do Vinho do Porto e controlam, em grande parte, a sua exportação, a par de outras famílias portuenses que vivem no seu convívio. Os pedidos de licenças de obras para o Campo Alegre, entre o final de novecentos e o início da centúria seguinte, informam sobre requerentes britânicos associados, não só a novas construções, mas também a trabalhos de alteração e ampliação de edifícios preexistentes, de muros de limite de propriedade ou de estruturas de apoio nos espaços envolventes à edificação. Atestando a significativa presença destas famílias estrangeiras no Campo Alegre, o Oporto Cricket Club vem a estabelecer-se definitivamente no lugar, pelo menos a partir de 1913.[10]



← FIG. 03
"Carta topográfica da cidade do Porto", Telles Ferreira [1877-1892], "reduzida da que foi mandada levantar na escala de 1:500". Folhas 4 e 5 da planta da cidade do Porto, à escala 1:5000, reduzida da carta dirigida e levantada por encomenda da Câmara Municipal do Porto. CMP.DMAH.ID 714713; 714714.

9 "Uma casa apalaçada de dois andares, sita na rua do Campo Alegre, com cocheira, cortes de gado e jardim e caramanchão, água de poço, taça e água de bomba de pressão. Confronta do nascente com João Luís Gonçalves, poente, com Domingos Alves da Cunha, norte com a dita rua e sul com João Luís Gonçalves". "Índice das Freguesias e nomes dos Caseiros, que pagam rendas ao Cabido de Cedofeita, seguindo a letra alfabética (Livro 1801)", ADP K/20/5/74, p. 343.

10 LO 733/1913, AHMP D-CMP/9(156), pp. 158-165.

Em paralelo a este fenómeno, e certamente com evidente desconforto para o cânone romântico que tende a caraterizar o Campo Alegre no seu extremo poente, os pedidos de licença de obra para o extremo oposto da rua dão nota da construção de habitação arruada e em banda para aluguer, da abertura de ruas particulares em lugares de retaguarda e da construção de fábricas e habitação popular.

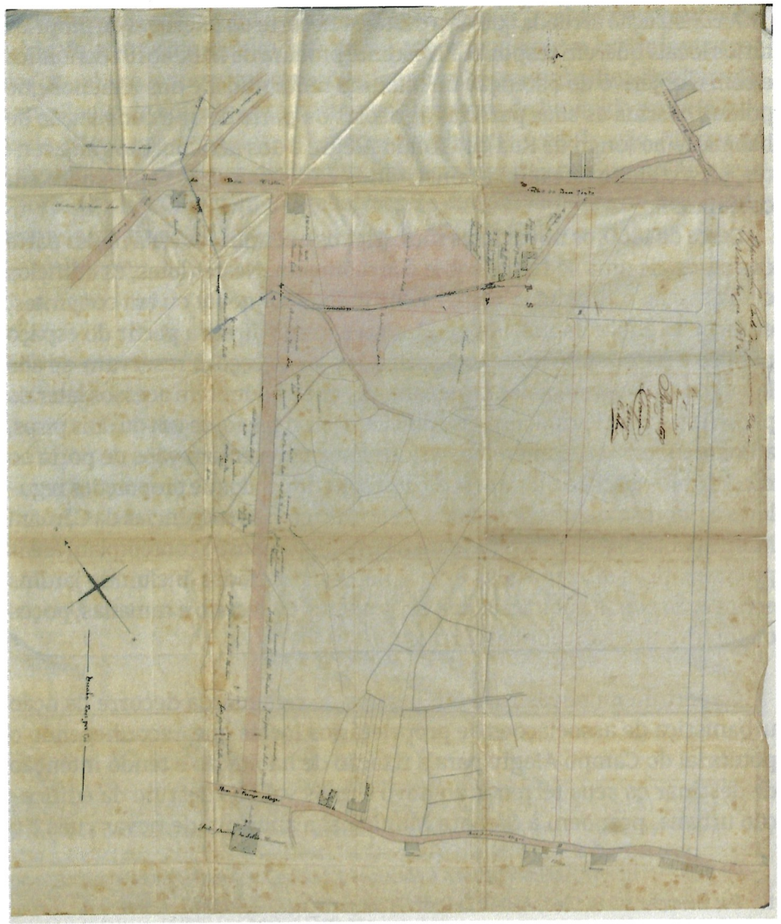
A construção arruada que há a destacar decorre da iniciativa de proprietários locais que, em resposta à crescente procura de habitação económica e com o objetivo da obtenção da máxima rentabilidade dos terrenos que possui, destina as suas parcelas agrícolas ou parte delas à construção de habitação ao longo da Rua do Campo Alegre e dos arruamentos adjacentes, para o efeito loteando e construindo casas, por vezes agrupadas em conjuntos.[11]

Cerca de 1860, os novos lotes são estreitos e compridos e, na maior parte dos casos, de uma só frente sobre o arruamento. Nestes lotes, os edifícios de habitação unifamiliar, construídos individualmente ou em conjuntos, erguem-se à face da rua, em geral, com entrada direta a partir do espaço público e paredes de meação partilhadas. As exceções reservam-se aos lotes com frentes de maior dimensão, em que se admitem acessos laterais para o espaço do logradouro. Os edifícios são, ao início, de um ou dois pisos, aumentando o seu número posteriormente; apresentam vãos de porta ao nível do rés-do-chão e de janela no piso superior, todos de proporções regulares e rigorosamente aprumados, de acordo com as exigências da Câmara Municipal. Os logradouros das casas de maior dimensão contemplam áreas programáticas diferenciadas e claramente delimitadas, incluindo jardins em relação com a habitação, hortas, pomares de recreio e ramadas, poços ou fontes, caramanchões e mirantes.

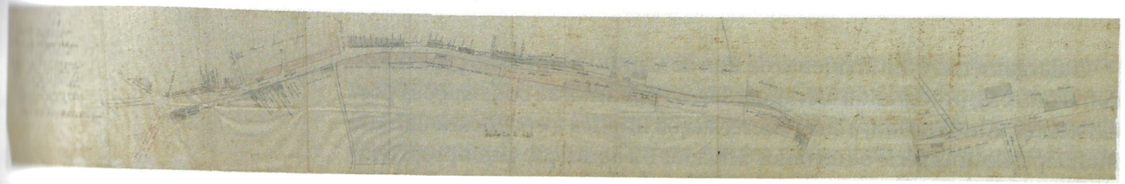
A abertura de novas ruas em lugares de retaguarda decorre da ação urbanística de associações de proprietários locais que, reconhecendo o potencial do Campo Alegre para a fixação de habitação e tendo intenção de destinar os seus terrenos ao novo e mais valioso destino da edificação urbana, propõem à Câmara Municipal a abertura de novas ruas e o

11 Por exemplo: LO 8/1861, AHMP D-CMP/7(26), p. 141; LO 274/1867, AHMP D-CMP/7(37), p. 220; LO 50/1861, AHMP D-CMP/7(26), p. 258.

alargamento e prolongamento de arruamentos existentes em troca dos terrenos necessários para o efeito, no sentido de racionalizar futuras operações imobiliárias na retaguarda da Rua do Campo Alegre. Os documentos municipais relativos a termos e escrituras informam sobre duas ações deste tipo, uma a norte e outra a sul da Rua do Campo Alegre.



← **FIG. 04**
Plano de novos arruamentos para norte da Rua do Campo Alegre, 1884.
CMP.DMAH.ID 00689-0013.



↑ **FIG. 05**
Projeto de alargamento da Rua do Campo Alegre, 1888.
(CMP.DMAH.ID 22549.

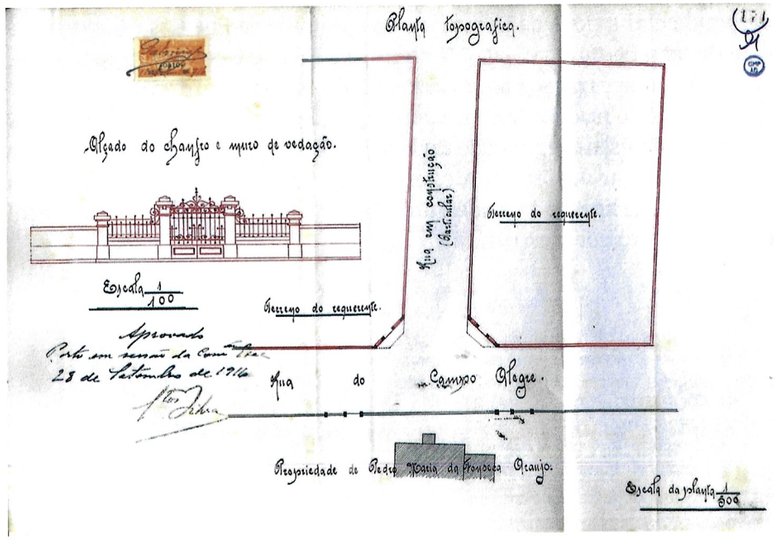
Ainda que distintas nos proprietários que as encabeçam, na escala da ação preconizada e na sua repercussão, estas operações urbanísticas partilham: o anular do cadastro rural preexistente; a proposta de um novo cadastro urbano referenciado aos novos arruamentos; a opção pelo traçado de arruamentos de um só alinhamento e perfis transversais constantes, a par de malhas, primeiro, reticuladas e, mais tarde, com certa organicidade. Têm origem nestas ações, a sul da Rua do Campo Alegre, as ruas do Gólgota e de *Entre Campos*;[12] a norte da Rua do Campo Alegre, a Rua de António Cardoso, perpendicular à nova da Boavista e com enfiamento na Casa Andresen, à data de João Pereira da Silva Monteiro, e a Rua de Guerra Junqueiro, que, em 1884, ainda é traçada paralela à nova de António Cardoso.[13]

Coincidindo na década com a apresentação de projetos de arruamentos por particulares, na segunda metade de 80 do século XIX, o Município volta a pensar o lugar do Campo Alegre, promovendo a sua interseção com a Boavista, a sua ligação à cidade e uma nova revisão do alinhamento e perfil do arruamento que o estrutura.[14]

12 "Requerimento oferecendo duas ruas que projetavam construir", 1897, AHMP A-PUB/703, n.º 33, pp. 279-294. "Requerimento pedindo autorização para umas vedações na rua do Campo Alegre e caminho que segue para o alto da Arrábida, com cedência de terreno", 1897, AHMP A-PUB/701, n.º 31, pp. 305-311.
13 "António de Bessa Leite [...] vem submeter à aprovação de V. Excelência o projeto de uma rua", 1884, AHMP A-PUB/689, p. 12. "Rua de Guerra Junqueiro: Projeto desta rua...", 1917-1931, AHMP D-CMP/3(332). "Variante ao plano de arruamentos entre a avenida da Boavista e a rua do Campo Alegre, aprovado em 26 de março de 1903", 1928, AHMP D-CMP/3(153). "Projeto de arruamentos entre a travessa de António Cardoso e a rua do Campo Alegre", 1935, AHMP D-CMP/3(155). Projeto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre", 1931-1935, AHMP D-CMP/3(157). "Novos arruamentos no Campo Alegre", 1936-1939, AHMP D-CMP/3(438), p. 7. Variante ao plano de novos arruamentos no Campo Alegre e novos arruamentos na parte posterior do cemitério de Agramonte, 1937, AHMP D-CMP/3(158), p. 6.
14 "Rua do Campo Alegre: [Projetos de alargamento] 1888, AHMP D-TGa/CMP/1(170).

O alargamento e alinhamento da Rua do Campo Alegre são projetados, como outrora, procurando salvaguardar, ao máximo, as construções preexistentes. Ainda assim, a sua concretização implica a cedência à Câmara Municipal de uma série de terrenos privados e a aquisição pelos proprietários locais de superfícies de terreno público, fronteiras aos seus edifícios. Nestes casos, os pedidos de licenças de obra são sobretudo requeridos para a construção de novas vedações ao arruamento, compostas por muro baixo e gradeamento, a continuar a prática que vem a caraterizar a rua há alguns anos.

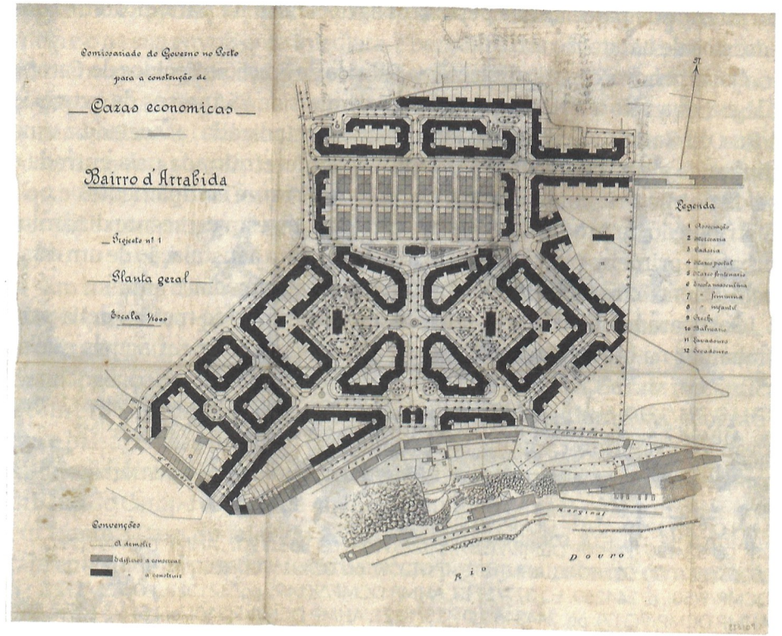
Resultado desta prática, dão entrada no Município projetos, nomeadamente, para a frente sul da Rua do Campo Alegre. Na continuidade da vedação de João Pereira da Silva Monteiro, Pedro Maria da Fonseca Araújo e Adolpho Burmester redesenham o limite da sua propriedade à rua.[15]



←
FIG. 06
Projeto do alçado do chanfro e muro de vedação no entroncamento da Rua do Campo Alegre com a rua particular em construção [Rua de Guerra Junqueiro]. LO 734/1916, CMP.DMAH.ID 84712.

15 LO 239/1899, AHMP D-CMP/7(158), p. 219. LO 192/1899, AHMP D-CMP/7(157), p. 305.

É interessante sublinhar, por um lado, a coincidência deste segundo momento de planeamento municipal do Campo Alegre com a mudança de proprietário e de família residente na Casa do Círculo – o projeto de alargamento da Rua do Campo Alegre e o registo na conservatória da transação da propriedade de José Ignácio Ferreira Roriz datam, ambos, de 1888. E, por outro, a alteração do princípio do traçado da Rua de Guerra Junqueiro de 1884 para 1916-1917 – à data, a *rua particular em construção* enfia na Casa de Pedro Maria da Fonseca Araújo, que também é proprietário dos lotes fronteiros, de um e do outro lado da nova rua, cujos lados projeta cortar em ângulo e encerrar com gradeamento de ferro, a valorizar a Casa e dotá-la de singulares condições de observação.[16]



→
FIG. 07
Bairro da Arrábida, integrando o Bairro Operário de Entre Campos [1918]. SIPA DES.00883109.

16 LO 733/1916, AHMP D-CMP/9(227), p. 166. LO 734/1916, AHMP D-CMP/9(227), pp. 170-174.

Ao entrar o século XX, os pedidos de licenças de obras colocados à Câmara Municipal para a Rua do Campo Alegre revelam a chegada da indústria e da habitação popular ao lugar – à fixação de um conjunto de pequenas unidades industriais manufatureiras e, eventualmente, associadas ao trabalho em regime domiciliário, vêm somar-se uma importante fábrica de fiação de tecidos, ilhas, um bairro e uma vila.

A versar sobre a Rua do Campo Alegre, identificam-se requerimentos referentes à construção ou à realização de obras em oficinas[17] – de serralharia, pintura e reparação de automóveis –, armazéns[18] – nomeadamente, para a colocação de teares e para arrecadação de artigos de fiação – e numa casa de manipulação de pão,[19] instaladas sem expressão sobre a via pública, no interior de parcelas que persistem agrícolas ou na parte posterior dos edifícios de habitação arruada.

Neste quadro, constitui exceção a Fábrica de Fiação e Tecidos do Campo Alegre, que veio a adquirir uma frente de mais de 85 metros de extensão à Rua do Campo Alegre, com uma imagem atualizada, associada a uma dinâmica até então desconhecida no lugar, determinada pela entrada e saída de operários, pela entrega de matéria-prima e equipamentos e pela distribuição da produção.[20] Atesta, certamente, esta crescente dinâmica urbana o primeiro pedido de licença de obras para a instalação de um estabelecimento comercial no Campo Alegre, uma farmácia.[21]

Seja para habitação da população que se desloca de meios rurais para trabalhar na indústria do Campo Alegre, seja para abrigar aquela que se

17 LO 791/1910, AHMP DCMP/9(52), pp. 442445. LO 1294/1922, AHMP DCMP/9(354), pp. 418424. S/nome, 1934, AHMP DCMP/9(743), pp. 606623. LO 1279/1935, AHMP DCMP/9(743). LO 1087/1938, AHMP DCMP/9(964).
18 LO 461/1923, AHMP DCMP/9(374), pp. 292297. LO 1394/1912, AHMP DCMP/9(138), pp. 439445.
19 LO 929/1910, AHMP DCMP/9(55), pp. 122126.
20 LO 52/1907, AHMP DCMP/7(189), pp. 257259. LO 555/1907, AHMP DCMP/7(197), pp .251256. LO 161/1908, AHMP DCMP/7(209), pp. 314319. LO 652/1910, AHMP DCMP/9(50), p. 244250. LO 377/1913, AHMP DCMP/9(149), pp. 321323. LO 775/1921, AHMP DCMP/9(317), pp. 344346. LO 413/1921, AHMP DCMP/9(310), pp. 5760. LO 1328/1923, AHMP DCMP/9(390), pp. 155162. LO 508/1923, AHMP DCMP/9(375), pp. 3141. LO 530/ 1924, AHMP DCMP/9(417), pp. 153159. LO 928/1925, AHMP DCMP/9(458), pp. 107110. LO 1280/1938, AHMP DCMP/9(980), pp. 563577. "Fábrica do Campo Alegre", 19471970, FML PTFMLTRCOM11392.
21 LO 172/1908, 1907, AHMP DCMP/7(206), pp. 183185.

emprega na sua envolvente, ao longo da Rua do Campo Alegre, alguns logradouros privados são destinados à construção de *ilhas*, sempre sem expressão sobre o espaço público. Paralelamente, também de iniciativa privada, mas com maior evidência sobre o arruamento, as licenças de obra dão notícia da construção da Vila Rodrigo[22] e do Bairro José Passos à Rua do Campo Alegre.[23]

Em 1914-1917, em 1918-1920 e 1922-1923, somam-se a estas ações privadas de construção de habitação operária os bairros públicos de habitação de Entrecampos[24] e da Arrábida.[25] Ambos são bairros de promoção pública, que visam novas e melhores formas de habitação para a classe popular. São ponderados no conjunto de outros projetados para a cidade, destinados a servir uma população mais ampla do que aquela que se emprega no Campo Alegre e na sua envolvente imediata, e pensados de modo a integrar e complementar o sistema de espaços públicos e equipamentos como pequenos pedaços de cidade. A superfície destinada à sua construção é estruturada a partir das Ruas do Gólgota e de Entrecampos, abertas a sul da Rua do Campo Alegre, na retaguarda das Casas Andresen e Burmester e da propriedade de António Joaquim Gomes de Azevedo, à data, adjacente à Casa do Círculo por sul e nascente.

Em meados da década de 20 do século XX, a situação urbana do Campo Alegre carateriza-se pela convivência de dois fenómenos: a nascente-sul, o prolongamento extensivo da cidade corrente; a poente-norte, a construção de um pedaço de cidade excecional, porque fora do usual, de raiz romântica e com um forte desejo de equilíbrio das singularidades locativas, geográficas e paisagísticas do lugar, como faziam os antigos. Continua a ser deste último fenómeno exemplo, cerca de 1930, a construção, no neutro espaço urbano do Campo Alegre, de um novo conjunto de casas para aluguer que, em frente à Casa do falecido Pedro Maria da Fonseca Araújo, se implantam em banda, separadas do arruamento por um muro baixo com vedação

22 LO 1045/1908, AHMP DCMP/7(218), pp. 210218.
23 "Planta Topográfica da Cidade do Porto", 1892, AHMP DCDT/A451.
24 AHMP D-CMP/17(17); AHMP D-CMP/20(40).
25 IHRU PT DGEMN: DREMN0978.

transparente, recuadas do seu alinhamento e filtradas por um pequeno pátio ajardinado.[26]



←
FIG. 08
"Panorâmica de Massarelos vista do Palácio de Cristal" [1900], com o Morro da Arrábida à direita. Foto Guedes (1885-1932). CMP.DMAH.ID 303015.

2. Já *Arquiteto – o novo centro de cidade, se não uma nova cidade*

O Campo Alegre romântico da Casa do Círculo, que de Pedro Maria da Fonseca Araújo Júnior é transferida para Primo Monteiro Madeira, apresenta-se a Fernando Távora Arquiteto, pressionado por uma urgente infraestrutura urbana. Trata-se do Campo Alegre dos anos 40 a 70 do século XX, a que se tende a atribuir novo significado urbano, indexado

26 LO 998/1934, AHMP D-CMP/9(700), pp.678-694; LO 1619/1935, AHMP D-CMP/9(754); LO 1078/1937, AHMP D-CMP/9(875), pp.155-158; LO 1941/1937, AHMP D-CMP/9(970), pp. 368-387; LO 1167/1938, AHMP D-CMP/9(909), pp.377-400. LO 667/1938, AHMP D-CMP/9(936), pp.106-124; LO 1167/1938, AHMP D-CMP/9(970), pp. 388-396; LO 126/1938, AHMP D-CMP/9(914).

à conceção da moderna Porta do Porto, contemporânea da Ponte da Arrábida.

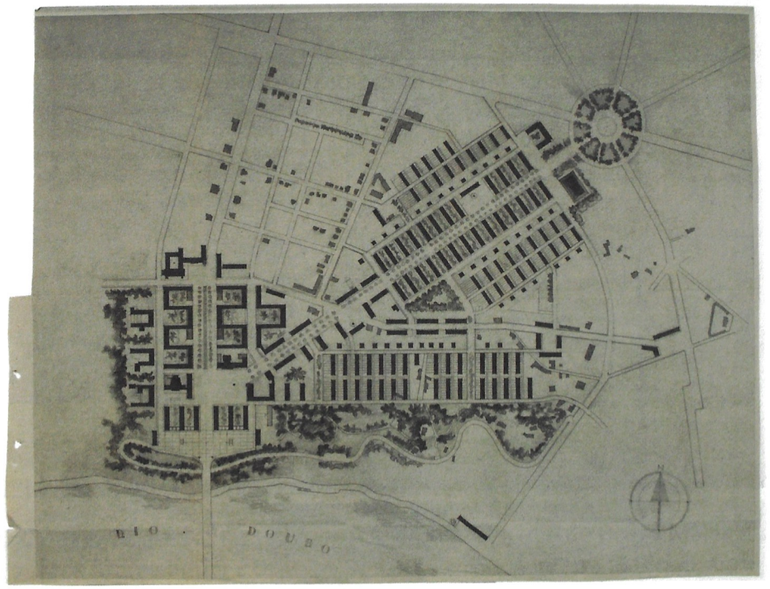
Neste Campo Alegre, escassamente concretizado, cuja paisagem se sonha integralmente pública e muito verde a prolongar, reinterpretando, a sua condição romântica, planeia-se a transferência da propriedade da Casa do Círculo para o Estado, no sentido da sua melhor utilidade pública e com vista a um significativo melhoramento urbano. Equaciona-se, nomeadamente, a Casa funcionar como elemento de transição entre malhas urbanas de diferente tempo, facilitar o prolongamento da Rua de Guerra Junqueiro para sul, recuperando uma das vontades originais do seu projeto, ou dar lugar ao Teatro Municipal do Porto, antecipando a atual instalação de um dos seus polos no Campo Alegre.





↗
FIG. 09
"Panorâmica da cidade do Porto e Ponte Luís I vista da Serra do Pilar" e, ao fundo, a Arrábida: na década de 1950 e depois de 1963, respetivamente antes e depois da construção da Ponte. Fotografia de Teófilo Rego (primeira). CMP.DMAH.ID 326168-0002; 818241.

O germe da mudança que vem dar origem ao planeamento do Campo Alegre como ponto notável da cidade havia-se implantado em 1916. Neste ano, a contraproposta do engenheiro A. C. da Cunha Moraes à proposta do arquiteto e urbanista Barry Parker para o centro da cidade do Porto coloca, pela primeira vez, a hipótese de construção de uma segunda travessia do Rio Douro na Arrábida, tendo o Campo Alegre como *testa-de-ponte* norte e de, em consequência, rever o seu desenho urbano.[27]



←
FIG. 10
Plano Regulador da Zona da Ponte da Arrábida e do Campo Alegre, Giovanni Muzio, 1942.
CMP.DMAH.ID 592018-0008.

Fixada a premissa de construção da nova ponte na Arrábida, ainda que sem a definição do seu alinhamento e cota rasante, a primeira proposta para a revisão da urbanização do Campo Alegre é desenvolvida entre 1940 e 1942,

27 A .C. da Cunha Moraes (1916). *Os Melhoramento da Cidade*. Porto: Typographia Pereira.

pelo arquiteto italiano milanês Giovanni Muzio, no Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal.[28]

O Campo Alegre de Giovanni Muzio é apresentado no "Plano Regulador da Zona da Ponte da Arrábida e do Campo Alegre". Neste plano, Giovanni Muzio idealiza o lugar no extremo da Ponte da Arrábida como um dos centros do novo Porto policêntrico, que concebe autónomo e complementar daquele que também desenha na desembocadura da Ponte Luís I. O novo centro Campo Alegre integra o pulmão verde que Giovanni Muzio projeta cintar o Porto e compõe-se como uma nova *zona de expansão residencial* com *centro cívico*, em cuja retaguarda se conserva a Casa do Círculo, revista nos seus limites, a rematar a Rua de Guerra Junqueiro.

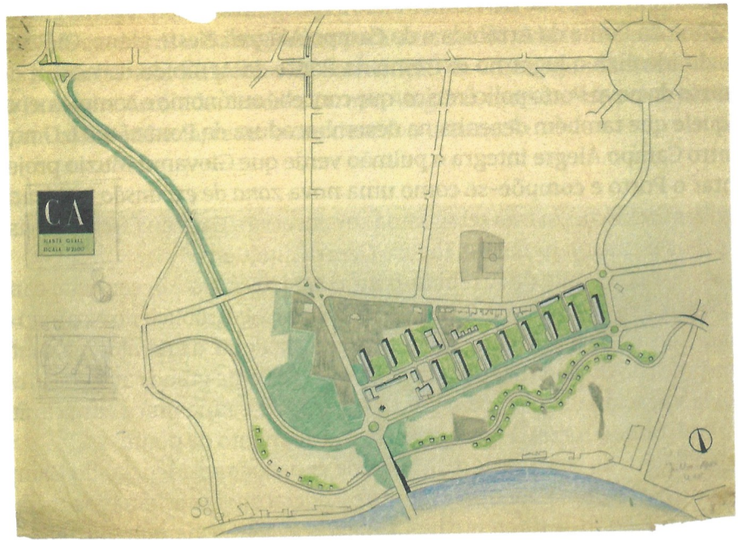
Na testa da Ponte da Arrábida, o novo centro cívico é desenhado como sítio da máxima intensidade urbana, par do espaço público no extremo da Ponte Luís I: sobre o prolongamento do eixo da Ponte da Arrábida, a conter uma praça de chegada debruçada sobre o Douro, uma grande avenida arborizada vocacionada para comércio e escritórios e uma praça com caráter cultural, onde a torre da igreja remata o enfiamento da ponte.

Para além do centro cívico, a zona de expansão residencial do Campo Alegre é estruturada por um conjunto essencial de vias urbanas de tráfego viário e pedonal, de diferente hierarquia, que conformam um sistema de desenvolvimento ortogonal que integra a Rua do Campo Alegre, com o seu traçado pontualmente retificado. A este conjunto de artérias soma-se a designada *Panorâmica* de dimensão lúdica, a tirar partido da vista panorâmica sobre o Rio e a sua margem sul e a vincar a natureza pitoresca e a forma da encosta, recuperando a *rua curva* proposta por A. C. da Cunha Moraes mais de vinte anos antes.

Este sistema de vias define um reticulado de quarteirões destinados a ser loteados racionalmente e edificados com escalas e tipologias de residência diferenciadas, a organizar bairros de qualidades específicas com espaços públicos e equipamentos próprios, destinados a diferentes classes sociais.

28 Informam sobre este plano urbano para o Campo Alegre, nomeadamente: Archivio Muzio, Milão (sem cota); AHMP D-CDT-B5-018; AHMP DCDT ROLB2007 (extrato); AHMP DCDTA2017; AHMP DCDTA2016; AHMP DCDTA2015; AHMP DCDTA2014; AHMP DCMP13191; AHMP DCMP13192; AHMP DCDTB3027; AHMP DCDTB3028; AHMP DCDTB3029FD; AHMP DCDTA2018FD; AHMP DCDTROLB28; AHMP DCMP13281; AHMP DCDTB4050.

Destes bairros, os de construção intensiva, caraterizados por blocos de quatro ou cinco pisos, são reservados ao ponto de maior interesse do sistema,



←
FIG. 11
Plano de Urbanização da Zona do Campo Alegre, Fernando Távora, 1948.
PT/FIMS/FT/0007-pd0003.

Em 1945, enquanto os estudos para a nova Ponte da Arrábida progridem, com a primeira campanha de sondagens e um primeiro anteprojeto, a revisão da urbanização do Campo Alegre está suspensa. O trabalho de Giovanni Muzio havia sido interrompido inesperadamente em 1943 e será necessário esperar até 1948 para que Fernando Távora retome o problema do Campo Alegre, no plano da sua zona residencial.[29]

Fernando Távora estuda o Campo Alegre entre 1948 e 1949, no Gabinete de Urbanização Municipal, e, entre 1949 e 1951, a título particular. Parte do Campo Alegre de Giovanni Muzio, em particular da sua conceção como novo

29 Informam sobre este plano urbano para o Campo Alegre, nomeadamente: FIMS SI FT 0007, Plano de Urbanização da Zona do Campo Alegre. Manuel Mendes (2015). *Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: Fernando Távora: minha casa*. Porto: FIMS. Manuel Mendes (2010). *Do esquecimento para além da arte: do nomadismo ao erotismo*. Tese de Doutoramento em Arquitetura, apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: edição de autor.

centro do Porto e propõe a atualização do seu desenho, reagindo contra a imagem do centro tradicional da cidade, consolidada no século XVIII, na extremidade norte da Ponte Luís I.

O Campo Alegre de Fernando Távora é pedonal, a contrabalançar o expectável impacto do automóvel no lugar. Com relativa autonomia em relação ao sistema viário associado à Ponte da Arrábida, Fernando Távora organiza-o num *centro cívico* e na respetiva *unidade de vizinhança.*

O centro cívico é sítio de uma intensa vida coletiva, monumento moderno no extremo da Ponte da Arrábida e sinal da entrada na cidade. Compõe-se por uma "grande praça", varanda sobre a Ponte e o Rio apta a atos públicos e dotada de serviços e equipamentos, uma "avenida de peões" e uma "estátua" ou "figura", representação do homem ou da sua família moderna, dimensionada para ser apreendida pelos veículos em movimento e pontualmente associada a mastros de bandeiras, em composições lúdicas.

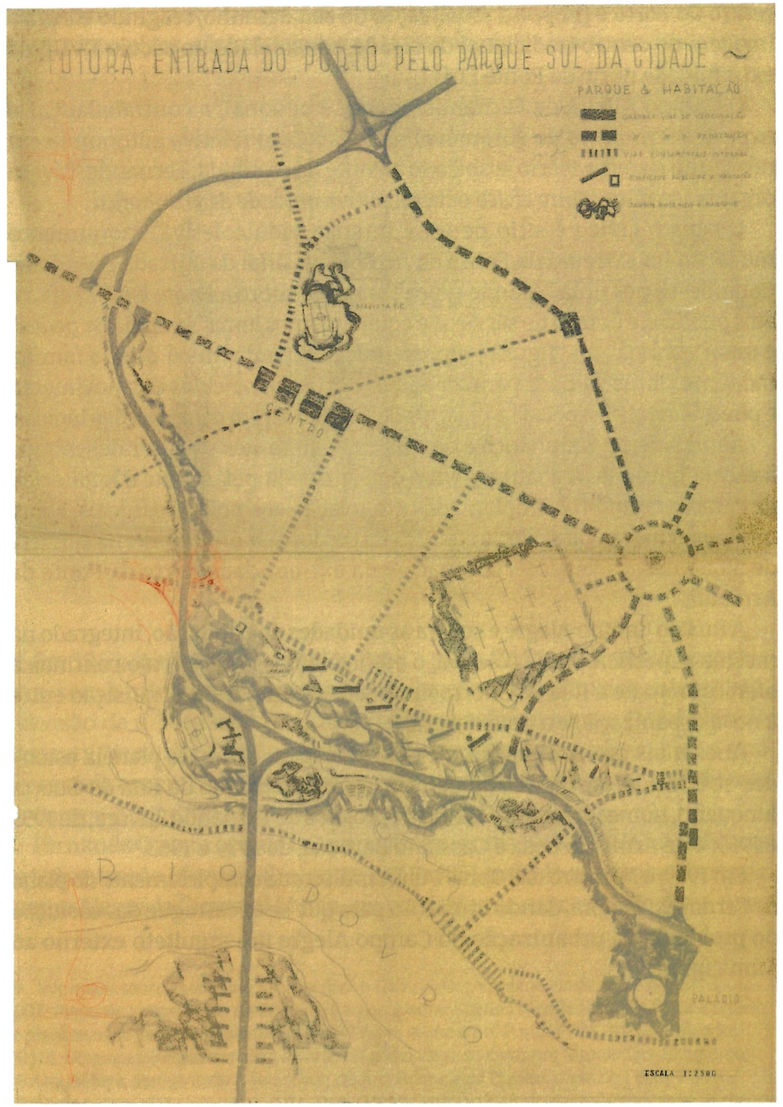
A unidade de vizinhança é de seis mil habitantes para ser desenhada à escala humana. A sua imagem é determinada pelas *unité d'habitacion de grandeur conforme*, implantadas em relação aos pontos cardeais, sobre uma superfície pública verde contínua, a conformar uma moderna silhueta de altas massas verticais compactas na extremidade norte da Ponte da Arrábida.

À Rua do Campo Alegre e contra as unidades de habitação, integrado na mesma superfície verde coletiva, o edifício da Casa do Círculo continua a oferecer remate à Rua de Guerra Junqueiro, construindo a transição entre a nova urbanização e a preexistente.

Anos mais tarde, a imagem de uma paisagem de torres planeia estender-se à face norte da Rua do Campo Alegre e extremo da Rua de Guerra Junqueiro, nomeadamente pela via de projetos de Fernando Távora, de 1955 e 1959, e de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, de 1959 e 1963.[30]

Em 1949, o Ministro das Obras Públicas discorda completamente do plano de Fernando Távora, dando indicação para que se encarregue da resolução do problema da urbanização do Campo Alegre um arquiteto externo ao Município.

30 FIMS SI FT 0032; CDFAUP AL ARQ 176, CDFAUP AL ARQ 184.



←
FIG. 12
"Futura entrada do Porto pelo parque sul da Cidade", Januário Godinho [1952].
CDUA_JG_ARQ_37-pd12.

Em 1955-1956, acompanhando a entrega do projeto definitivo para a nova travessia do Rio, pelo engenheiro Edgar Cardoso, o arquiteto Januário Godinho, externo aos serviços municipais, apresenta uma solução para o extremo norte da Ponte da Arrábida afim àquela que o arquiteto Arménio Losa e o engenheiro Bonfim Barreiros tinham apresentado para o seu extremo sul.[31]

Encarando com nova consciência as caraterísticas do trânsito potencialmente associado à Ponte da Arrábida e reconhecendo o seu desígnio de troço de uma artéria contínua, o mais possível independente em relação à rede urbana, de que fazem parte as ligações à Via de Cintura Interna e ao centro tradicional da cidade, Januário Godinho entende que a testa-de-ponte não é o sítio mais adequado para fixar um importante centro urbano e, em alternativa, propõe desenhar o Campo Alegre como o *parque sul* do Porto, um *parque misto* que coordena, sobre a mesma superfície arborizada e ajardinada, trânsitos local e de atravessamento, edificado vário e um *monumento*.

O parque, integrado no sistema de jardins e parques da cidade, traça-se ao longo da encosta do Rio, entre os jardins do Palácio de Cristal e da Casa Andresen, a incluir antigos lugares com extraordinárias vistas de rio e de mar e uma vegetação arbórea intensa e variada, que se reservam ao prazer e enriquecimento da cidade.

Integrado no parque, o Nó da Arrábida é dedicado ao trânsito de atravessamento, com sentidos de trânsito separados, cruzamentos a diferentes níveis e curvas de grande raio para mudanças de direção. No sentido da melhor adequação à circunstância do Campo Alegre, partilha a tipologia *de cruzamentos ou enlaces "em corneta"*, dispersando-se pelo território, com as vias adossadas à topografia a contornarem, com esbelteza, elementos preexistentes de maior singularidade e valor na caraterização da identidade do lugar.

Do desenho deste parque fazem ainda parte: vias dedicadas ao trânsito local, como a que acaba por prolongar a Rua de Guerra Junqueiro para sul e sobre a Casa do Círculo, em alguns casos desenhadas como alamedas; edifícios de residência, de diferente tipologia, dominando a construção

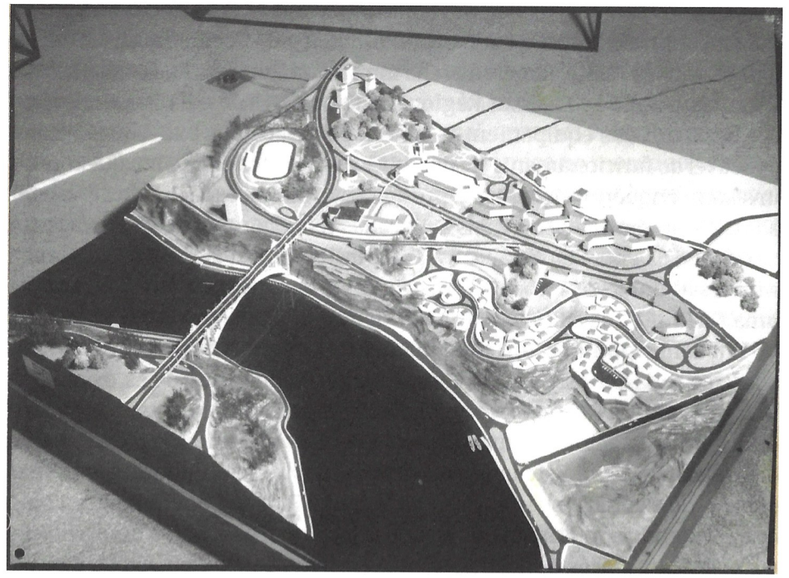
31 Informam sobre este plano urbano para o Campo Alegre, nomeadamente: CDFAUP JG37; AGMP LO 285/1955; DGOTDU, s/cota.

em altura que liberta o solo; e equipamentos de serviço local, desportivos, culturais e recreativos, a ocupar posições excecionais de miradouro e de revestimento vegetal excecional.

Adicionalmente, no enfiamento da Ponte da Arrábida a funcionar como sinal da passagem ou da chegada ao Porto, Januário Godinho compõe um conjunto monumental constituído por centro cultural, construção de carácter comemorativo e trio de torres de forma e altura excecional no conjunto.



← **FIG. 13**
Vista parcial do Campo Alegre, 1958.
RTUP 183_1P3-5.



→ **FIG. 14**
Plano Parcial do Campo Alegre, Robert Auzelle [1963].
CMP/DMAU/D 295048-0002.

Em 1957, com a Ponte da Arrábida em construção e o parque de Januário Godinho apenas aprovado no que se refere ao Nó da Arrábida, Robert Auzelle – urbanista-consultor francês da Câmara Municipal – reconhece a urgência de exponenciar a condição urbana do Campo Alegre e estuda-o como prioridade para *o Porto de amanhã*.[32]

No "Plano Parcial do Campo Alegre", de que é arquiteto responsável Luiz Cunha, Robert Auzelle aposta em: assinalar o Campo Alegre, à passagem da Autoestrada do Norte, com recurso ao programa da torre; concentrar programas diversificados num número reduzido de edifícios de grande dimensão e construção maciça, à passagem para a cidade; articular o conjunto, através de uma rede de percursos pedonais elevados sobre o sistema rodoviário.

32 Informam sobre este plano urbano para o Campo Alegre, nomeadamente: Fonds Robert Auzelle, SIAF / Cité / Archive, s/cota; AHMP LO 418/1964; AHMP FNP/CMP/7/326, AHMP FNP/CMP/7/45; AHMP FNP/CMP/7/304, AHMP FNP/CMP/7/45 a 47; AHMP FNP/CMP/7/333, AHMP FNP/CMP/7/738 a 748.

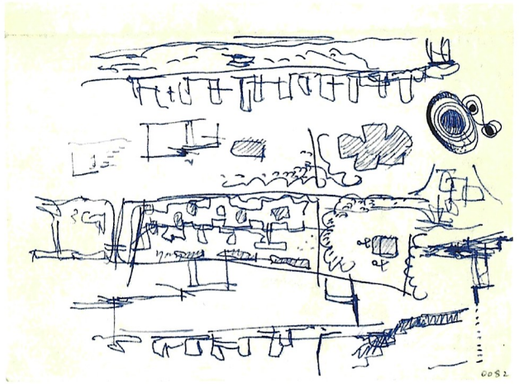
As torres são propostas por Robert Auzelle a acompanhar o curso da Via de Cintura Interna e a rematar o tabuleiro da Ponte da Arrábida. No enfiamento da Ponte, Robert Auzelle implanta a Torre de Radiotelevisão do Porto, associada ao Emissor Regional do Norte. A Torre de Radiotelevisão é, à data, um dos equipamentos contemporâneos por excelência, indispensável ao funcionamento de qualquer cidade moderna e em que muitas investem enquanto elemento representativo da sua capacidade de se ligar ao país e ao mundo pelas mais avançadas tecnologias de comunicação. À passagem da Ponte da Arrábida, a Torre de Radiotelevisão do Porto remata a travessia do rio, e prolonga o Porto pela Via de Cintura Interna, através de uma série de altos edifícios.

Em contraponto às torres, Robert Auzelle concentra, em dois únicos edifícios, toda a construção do Campo Alegre. Reúne, num deles, os programas de *centro cívico*, *centro comercial* e *centro religioso*, com espaço público dedicado a estacionamento e, noutro, a quase totalidade da habitação destinada ao lugar. Este longo edifício desdobra-se em múltiplas frentes sobre o rio e volta as suas galerias de acesso à Rua do Campo Alegre, como que rebatendo e multiplicando o espaço público à cota baixa de circulação e acesso aos espaços de habitação, mas também de convívio e socialização.



← FIG. 15
"Teatro Municipal do Porto", Januário Godinho, 1967.
CDUA_JG_ARQ_143-pd0007.

No Campo Alegre constrói-se o Nó da Arrábida, marca indelével na sua paisagem, e assume-se o compromisso de destinar uma série de terrenos a equipamentos municipais, sublinhando o significado e interesse público do lugar. Fernando Távora trabalha na Piscina Municipal do Campo Alegre, em situação topográfica e paisagística excecional, num dos vales da encosta do Campo Alegre ao Rio e com restaurante panorâmico no monte adjacente.[33] Januário Godinho projeta o Teatro Municipal do Campo Alegre, a ocupar lote que engloba a propriedade de Primo Monteiro Madeira, e confronta com o Bairro de Entrecampos. O novo edifício organiza-se a fazer persistir o sentido urbano da Casa do Círculo, nomeadamente a rematar a Rua de Guerra Junqueiro, no alinhamento aproximado das Casas Andresen e Burmester, com espaço para jardim fronteiro.[34]



→ FIG. 16
Plano de Urbanização da Zona do Campo Alegre e Estudo de Pormenor do Setor da Arrábida, Fernando Távora [1968].
PT/FIMS/FT/0007-01-0082.

Em 1968, Robert Auzelle, ainda urbanista-consultor da Câmara Municipal, considera que a circunstância do Campo Alegre se alterara relativamente àquela para a qual desenhara e sugere que Fernando Távora reveja o Plano de Urbanização do Campo Alegre e estude em pormenor o setor na testa-de-ponte.[35]

33 FIMS SIFT 0156.
34 CD-FAUP JG 9119.
35 Informam sobre este plano urbano para o Campo Alegre, nomeadamente: Fonds Robert Auzelle, SIAF / Cité / Archive, s/cota; FIMS SI FT 0007. Paulo Gusmão (1995). "Campo Alegre: da Nova Cidade à Universidade". *Boletim* 2627, ano V, dezembro, pp. 514.

Em sintonia com Robert Auzelle e integrando os compromissos municipais entretanto assumidos, Fernando Távora propõe construir no Campo Alegre um *Centro Direcional* – uma estrutura que, sem recusar a habitação, privilegia a concentração de atividades comerciais e de grandes atividades de gestão e de administração direcionadas tanto à cidade como à região, que tendem a deslocar-se do centro tradicional do Porto para poente –, tirando partido das ótimas condições de acessibilidade, da relativa disponibilidade de espaço e da proximidade à nova centralidade que é a Rotunda da Boavista.

Na procura de uma solução arquitetónica para o novo problema da grande concentração no Campo Alegre, Fernando Távora privilegia a complexidade espacial, traduzida num máximo contínuo tridimensional. A proposta evolui do desenho de um edifício-único para o desenho de um macro-edifício – uma megaestrutura, de dominante horizontal e reduzida altura, capaz de revestir a encosta do Douro, da Arrábida ao centro tradicional da Cidade, a representar e celebrar o Porto na sua área metropolitana.

Em 1974, o 25 de Abril e a alteração política consequente ditam o esquecimento do Campo Alegre que Fernando Távora estudava com o Gabinete Municipal criado especificamente para o efeito.



←
FIG. 17
Vista parcial do Campo Alegre, 1968.
RTUP 184_1P3-8.

3. E de novo, *como Professor – um Polo Universitário*

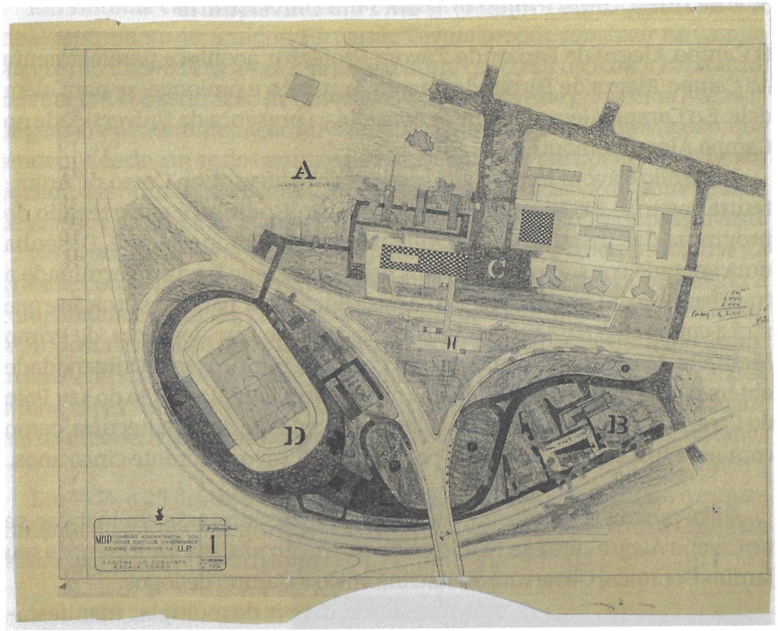
O Campo Alegre de Fernando Távora Professor acontece paralelamente ao Campo Alegre de Fernando Távora Arquiteto e prolonga-se para além dele. É o Campo Alegre em que se consolida a presença da Universidade no Campo Alegre romântico.

Fernando Távora inicia a sua carreira de Professor no Curso de Arquitetura cerca de 1957. Um ano antes, Januário Godinho é encarregado do programa das instalações da Universidade no Campo Alegre. Desenha uma vontade com cerca de 20 anos de história, que havia determinado a transferência da Casa Andresen e da Casa Burmester para a instituição e que virá a conduzir à passagem, também, da Casa do Círculo, agora, de Primo Monteiro Madeira. Esta acontece ao mesmo tempo que a Universidade obtém o tão ambicionado apoio municipal para a implantação do seu Polo do Campo Alegre, onde consegue lugar a Faculdade de Arquitectura, como comissão instaladora presidida por Fernando Távora durante cinco anos.

A Universidade manifesta, pela primeira vez, interesse em instalar-se no Campo Alegre cerca de 1937, com a construção na Casa Andresen, do seu Jardim Botânico, Observatório Astronómico e Campo de Jogos.

Esta vontade vinga 12 anos mais tarde, depois de múltiplas manifestações de preocupação por parte da Universidade quanto ao facto de os planos municipais desenvolvidos não contemplarem o seu interesse, colocando em risco uma propriedade de qualidade paisagística e botânica singular na cidade. Em 1949, com a aquisição pelo Estado da Casa Andresen e a sua cedência à Universidade, a instituição fixa-se no Campo Alegre, na vizinhança da Casa do Círculo. Conserva o edifício de habitação, que adapta a Instituto Botânico, transforma o seu jardim envolvente em Jardim Botânico e constrói, na área a sul, densamente arborizada, o Estádio Universitário, marca indelével na paisagem do Campo Alegre, desistindo da construção de alguns equipamentos, nomeadamente do Observatório Astronómico e da Residência de Estudantes.[36]

36 Informa sobre estes planos da Universidade para o Campo Alegre, nomeadamente: RTUP po3022.



←
FIG. 18
Centro Universitário da UP, Januário Godinho, 1956. CDUA_JG_ARQ_38-pd05.

Em 1956, a Universidade amplia a sua propriedade no Campo Alegre com a Casa Burmester, imediatamente a poente da Casa do Círculo, cedida como compensação pela expropriação de terrenos no Jardim Botânico e no Estádio Universitário para a construção do Nó da Arrábida.

No mesmo ano, talvez no decurso desse processo de expropriação, a Universidade encarrega Januário Godinho do estudo de hipóteses para a instalação do Núcleo Universitário do Campo Alegre[37] – um conjunto de equipamentos desportivos e culturais relativos à instituição –, no *parque sul da cidade*. Januário Godinho aposta na sua organização na zona de mais evidente relação com a Ponte da Arrábida e a Rua do Campo Alegre, instalando os *museus* – Mineralógico, Geológico e Antropológico, Zoológico – e as

37 Informam sobre estes planos da Universidade para o Campo Alegre, nomeadamente: RTUP po581; CDFAUP JG38.

atividades circum-escolares – o *Centro Universitário da Mocidade Portuguesa*, o *Teatro Clássico da U. P.* e o *Orfeão Universitário* – na testa-de-ponte, as instalações desportivas no interior dos lancetes do Nó da Arrábida e o Lar Universitário na Casa Burmester e jardins adjacentes, com a adaptação do antigo edifício de habitação a funções comuns e a construção de um novo bloco dormitório em altura, para assim libertar o solo arborizado e estabelecer a necessária harmonia com a urbanização prevista para o Campo Alegre.

A instalação do Núcleo Universitário do Campo Alegre não obtém parecer favorável. O "Plano Director da Cidade" propõe inclusivamente anular a presença da Universidade no Campo Alegre, integrando o estádio que havia construído na *Zona Desportiva da Arrábida*, um dos grandes núcleos de desporto da cidade.

Na segunda metade da década de 70, coincidindo com o abandono dos estudos municipais para a revisão da urbanização do Campo Alegre, a condição da Universidade no lugar altera-se significativamente. Por um lado, o seu património edificado é ampliado, não só pela integração da Casa do Círculo, de Primo Monteiro Madeira, mas também pelo projeto para a construção de raiz de novos edifícios universitários, como o Complexo Pedagógico, no extremo sul do Jardim da Casa Burmester, e o Centro de Citologia Experimental e o Centro de Metalurgia e Ciência dos Materiais, no lote adjacente que também confronta com a Casa do Círculo. Por outro lado, a sua instalação no Campo Alegre é validada pela cidade, com a regulamentação dos terrenos a sul da Rua do Campo Alegre como *Zona Universitária do Polo 3* no "Plano Director" em vigor e nos estudos em desenvolvimento.

No início da década de 80, a Universidade encarrega o arquiteto Nuno Tasso de Sousa do plano do Polo do Campo Alegre[38], cujo desenvolvimento é orientado pelos entendimentos do polo como extensão do núcleo histórico da universidade e do programa universitário como estruturante da urbanização do Campo Alegre e pelas convicções de que a investigação e o conhecimento universitário mais profícuos se constroem na confluência

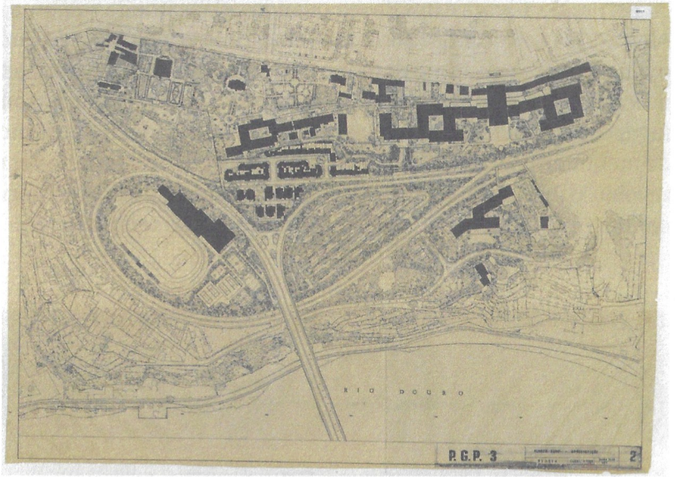
38 Sobre estes planos da Universidade para o Campo Alegre ver Nuno Jennings Tasso de Sousa (2011). "Edifício da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O conceito e a forma". *Separata de Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: FLUP, Série IV, vol. 1, pp. 1122. RTUP 08907; RTUP 08910; RTUP 08904; RTUP 08910; RTUP 08886.

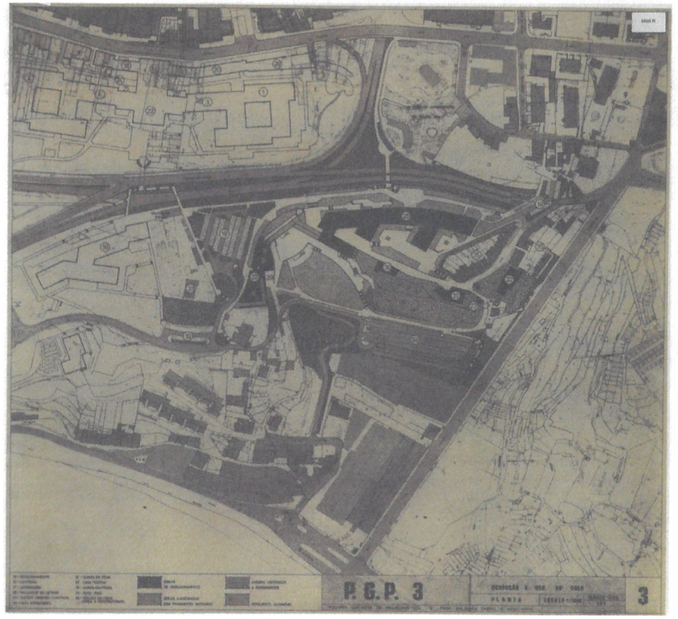
das matérias disciplinares e a projeção da universidade sobre a cidade mais efetiva depende da sua permeabilidade à vida quotidiana, na promoção generalizada da cultura da sociedade.

Na procura de uma solução arquitetónica para o novo problema do Polo do Campo Alegre, Nuno Tasso de Sousa ensaia duas alternativas. Num primeiro momento, imagina o Campo Alegre como um conjunto universitário de tipo compacto, certamente um organismo contínuo, composto como um edifício único que, em linha com o rio, organiza a totalidade dos programas. Num segundo momento, desenha o Campo Alegre como um conjunto universitário de tipo disperso e organização celular, um organismo descontínuo, composto por um conjunto fragmentado de edifícios, de caraterização regulamentada, articulados por um itinerário pedonal que integra o *eixo universitário* a ligar ao centro tradicional da Universidade e, por permeio, um espaço verde público densamente arborizado.

As duas propostas desenvolvidas são goradas. No final da década de 80, no Campo Alegre, estão em desenvolvimento os projetos para a construção da Faculdade de Arquitectura – em lugar antes assinalado por Januário Godinho –, da Faculdade de Ciências e da Faculdade de Letras, a par de Residência Universitária. Na primeira metade da década seguinte, somam-se-lhes os projetos para a construção da Federação Académica do Porto, do Instituto de Biologia Molecular e Celular, do Teatro do Campo Alegre – concretizando um desejo antigo –, da Casa de Pernambuco e do Centro de Astrofísica que, entretanto, a última revisão do Polo do Campo Alegre integra.

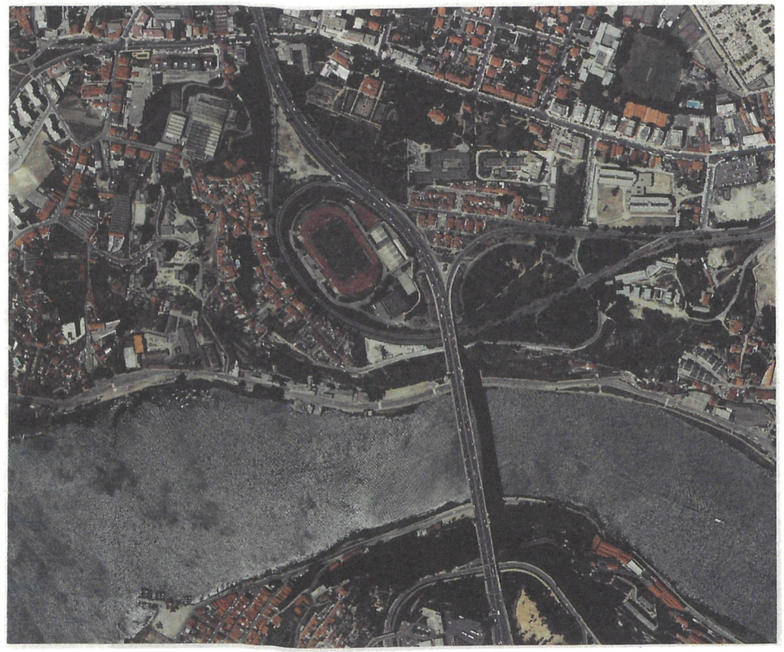
Simbolicamente, via recuperação da Casa do Círculo, Fernando Távora é ator nesta etapa de significativa e efetiva transformação da paisagem urbana do Campo Alegre.





↗
FIG. 19
"Plano Geral do Polo 3 [da UP]", Nuno Tasso de Sousa, 1983-1985. RTUP 8695r; 8698r.

Fernando Távora é um jovem quando pela primeira vez atua no Campo Alegre e já Professor quando o faz pela última vez na Casa do Círculo. Entre o seu primeiro e o último desenho para o Campo Alegre, acontece a derrota do longo projeto de uma revolução urbana e o vincular da transformação do lugar à circunstância real da urbanização da cidade. Neste lento processo de metamorfose, Fernando Távora perde a oportunidade de ser o poeta da revolução urbana do Campo Alegre; mas o lugar ganha a memória dos seus sonhos, que tendem a ir sendo concretizados no tempo longo.



←
FIG. 20
Vista parcial do Campo Alegre, 1995. RTUP 187.

II